

T

Teatro

OS CADA- VERES SÃO BONS PARA ES- CONDER MINAS

DOSSIER

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

DRAMATURGIA Jorge Palinhos

ENCENAÇÃO Isabel Craveiro

INTERPRETAÇÃO Afonso Abreu, David Meco, Diogo Simões, João Santos, Teosson Chau

DIREÇÃO MUSICAL E PREPARAÇÃO VOCAL Rui Lúcio

CENOGRAFIA E FIGURINOS Filipa Malva

DESENHO DE LUZ Jonathan Azevedo

SONOPLASTIA Nuno Pompeu

GRAFISMO Studio And Paul

FOTOGRAFIA Carlos Gomes

VIDEO Bruno Simões

CABELEIREIRO Carlos Gago (Ilídio Design)

COSTUREIRA Albertina Vilela

OPERAÇÃO DE LUZ E SOM

Jonathan Azevedo e Nuno Pompeu

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Isabel Craveiro

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Cátia Oliveira, João Santos

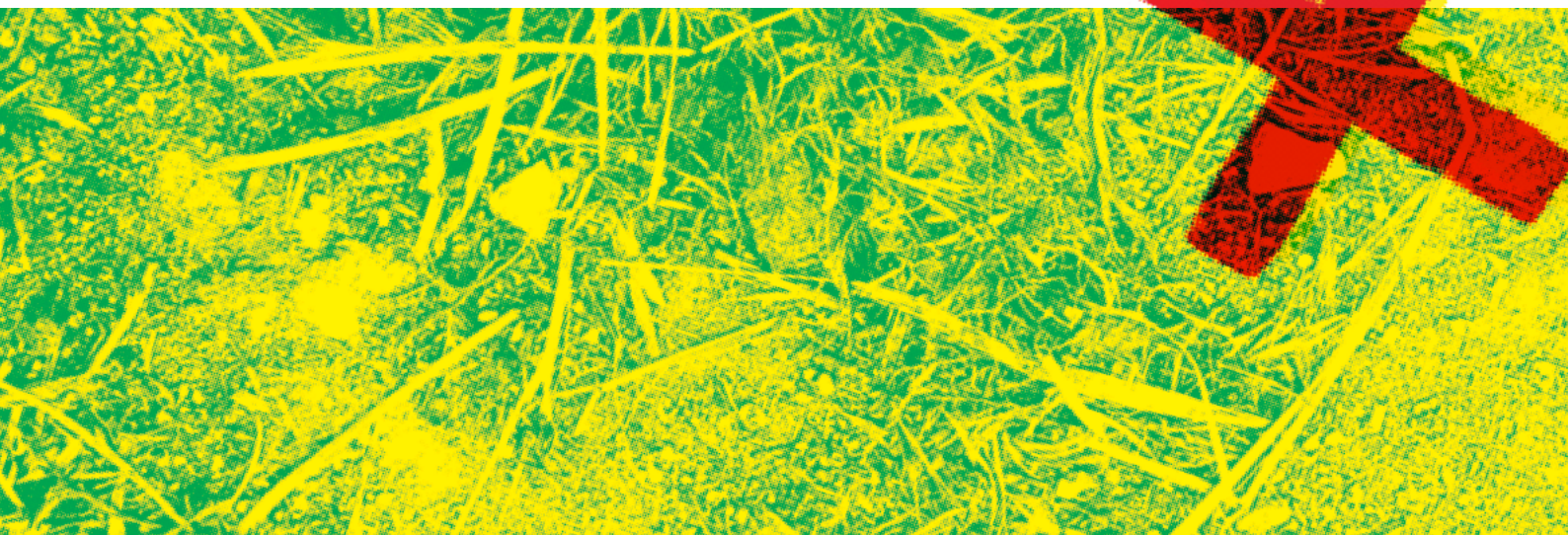
DIREÇÃO TÉCNICA Jonathan Azevedo

COMUNICAÇÃO Margarida Sousa

DURAÇÃO 1h20

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA Maiores de 16 anos

Criação Teatrão em coprodução com Teatro Municipal Joaquim Benite/ Companhia de Teatro de Almada





SOBRE A DRAMATURGIA

[o autor escreve segundo a antiga ortografia]

Na casa onde cresci havia isto: uma catana, estandartes de vários regimentos sedeados em África, quadros de inspiração oriental comprados em Moçambique, uma pistola de serviço que o meu pai guardava numa gaveta junto à cama, e que ocasionalmente oleava e verificava as balas. Nunca ninguém me disse de onde vinham estes objetos e, no entanto, eu sempre soube. A guerra: aquela que toda a gente conhecia e de que ninguém falava. Seria fácil falar da ideia popularizada por José Gil de que Portugal seria um país sem memória. Só que a memória é um gesto. Um esforço deliberado de guardar o passado. E toda a gente sabia que a guerra que Portugal manteve nas suas colónias entre

1961 e 1974 era para esquecer.

Mas se a memória implica esforço, o seu contrário, o esquecimento, também. Pois o passado não é mais do que o chão que pisamos, mesmo quando raramente olhamos para ele. E para este espectáculo procurou-se principalmente a pesquisa, de resgatar testemunhos, lembranças, que nos mostrassem como a guerra permanece invisível entre nós. É, portanto, uma peça sobre a impossibilidade do esquecimento e da memória, e sobre as suas mais invisíveis vítimas em Portugal: os soldados da Guerra Colonial, que ainda a carregam no corpo e na alma, e são o húmus para que ela continue a dar os frutos amargos que insistimos em não ver.

JORGE PALINHOS

ENCENAÇÃO

Sou filha de um ex-combatente da Guerra Colonial, mobilizado para o C.P.I. da Guiné, em 1966. O meu pai faleceu com 40 anos, em 1983, era alcoólico. Nasci em 1973. Sempre quis saber a sua história. Parte dela tem a ver com a Guerra. Estes factos não determinaram esta criação. Este espetáculo não é sobre o meu pai. Mas claro que ele o habita, porque ele está em mim. Ele é tempo presente.

Este espetáculo levou-nos a entrevistar ex-combatentes, esposas e ex-esposas de combatentes que fazem atualmente terapia no Centro de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAPS-4) da Liga

dos Combatentes de Coimbra. Fomos confrontados de imediato com aquilo que, na verdade, nos motivou para o projeto, a Guerra Colonial é assunto do presente e não do passado. É uma questão complexa, dolorosa, que envergonha, embaraça, incomoda políticos e sociedade em geral, que não soubemos ou não pudemos tratar. É um conflito entre a necessidade de lembrar e esquecer. Semanalmente, eu e o Jorge Palinhos, entrevistámos homens e mulheres que engolem e vomitam o passado e o presente doloroso, como se de um outro tempo se tratasse, que corre mas não sai do lugar.

ISABEL CRAVEIRO





NOTA CENOGRÁFICA

[a autora escreve segundo a antiga ortografia]

A cenografia foi desenhada a partir de uma premissa colocada pela encenadora Isabel Craveiro: a de usarmos sulipas de caminho de ferro como objectos que estruturassem o espaço cénico.

Os seus suportes, em ferro, delimitam a cena e permitem a reorganização do lugar ficcional com alguma variedade mesmo que, com os seus espigões virados aos espectadores, relembrem que tratamos sempre de um espaço-tempo de conflito. As configurações entre as sulipas e os seus suportes fazem avançar a narrativa e mantêm a tensão dentro da arena da cena deixando em aberto a sua localização específica. A simplicidade de rigor geométrico do desenho dos volumes alarga as possibilidades de interpretação

e de manipulação, sem, no entanto, as fazer genéricas. A sua presença, em contraponto com os actores, é tanto material como humana. Os figurinos foram pensados a partir da actualização da farda militar e organização em dois grupos: o primeiro, a farda de recruta e guerra e os segundos as fardas do quotidiano, cerimónia e loucura. Importava realçar o ciclo viciado em que estes homens se encontram, presos numa suspensão de tempo que não é nem lá, na guerra, nem agora. Para a farda de soldado actualizou-se em parte a farda, usando cortes contemporâneos de calças e botas, e transformando a camisa e casaco habituais num colete de forças sobre o corpo nu.

FILIPA MALVA

COMPOSIÇÃO MUSICAL

É para mim elementar possuímos, enquanto nação, uma consciência coletiva sobre o profundo impacto que a Guerra Colonial teve no esboço da nossa sociedade. Por essa razão, é essencial lutar contra o silenciamento deste “desastre”, avivando e instigando constantemente a nossa memória. Foi com este propósito em mente, que, humildemente, parti para esta aventura criativa.

Enquanto herdeiro da pós-memória, ou seja, recetor de histórias contadas por interlocutores diretos e indiretos, sempre preservei uma curiosidade centrada na percepção dos motivos que conduziram à origem deste conflito. Entender os intuitos que levaram o povo angolano, mais propriamente a União dos Povos de Angola (UPA), a atacar as prisões e as diversas fazendas dos colonos portugueses em 1961, foi para mim importante nesta caminhada.

Percecionar o desejo de independência, que se alastrou à Guiné em 1963 e a Moçambique em 1964, ajudou-me a idealizar o sentimento de pertença destes povos irmãos, imprescindível para a clarificação do meu processo criativo. Para além disso, tentei ajustar o meu entendimento em torno dos intuitos que terão levado os nossos governantes a caminhar “rapidamente e em força”, para um aparente inevitável conflito armado. Não consegui!

Reconheço que o pioneirismo da nossa expansão marítima e os feitos alcançados durante a época dos descobrimentos, potenciaram a fundação de uma consciência de identidade nacional que transbordou a pequenez do nosso território, e talvez por isso, as políticas do novo regime, preservassem esse sentimento já datado e oco, tentando, através do domínio ardiloso das suas colónias, imortalizar esse espírito de grandeza, que já não tinha sentido no séc. XX. Na minha leitura, o nosso povo,

principalmente o mais humilde, não gozava dessa “particular” matriz de identidade nacional, pelo que foi difícil, para a maioria dos nossos jovens militares e das suas famílias, carregar o paradigmático sentimento patriota para um território que não sentiam como verdadeiramente seu. Estas foram as circunstâncias que guiaram os meus passos em torno de uma apropriação emocional e artística do episódio histórico.

Enquanto músico, e tendo em conta o meu papel nesta produção, foquei-me particularmente nos nossos militares e de que forma a cultura, especialmente a musical, foi preponderante durante os inúmeros embates desta tormenta. Atento ao desenho da dramaturgia, que propôs uma leitura de quadros que deambulam entre o passado e o presente, tentei percecionar o papel que a Música teve nos diversos momentos da jornada dos nossos militares. Foi com muito fascínio que me deparei com uma banda sonora eclética, povoada por diversos estilos e géneros musicais, onde o fado, a música ligeira portuguesa, a música popular brasileira e o rock nacional e estrangeiro, eram sem dúvida os mais ouvidos e interpretados. Canções do “Conjunto Oliveira Muge”, da Natércia Barreto, dos “Sheiks” e dos “Los Payos”, eram algumas daquelas que, nos poucos e possíveis momentos de música, rodavam nos gira-discos disponíveis ou elencavam as várias criações artísticas dos próprios militares.

A pedido dos seus superiores hierárquicos ou por iniciativa própria, muitos militares apaziguavam a alma, criando momentos de entretenimento, que podiam passar por um baile, uma revista, espetáculos de transformismo, corais de jograis e até, o que hoje em dia chamamos de stand-up comedy. Estes eventos foram fundamentais para a unificação e catarse de muitos dos militares, sendo que, para alguns,

as canções presentes nestes manifestos artísticos, tornaram-se referências intemporais e lugar recorrente para a safra de memórias, boas e más.

Paralelamente a este lado mais visível, houve uma constante presença de um ousado movimento de contestação, onde as canções de intervenção surgiram como força motriz para exortação de pensamentos políticos e que, em Moçambique, motivaram a criação do histórico “Cancioneiro do Niassa”, um compêndio de canções famosas reescritas pelos jovens militares, que traduziam as suas convicções sobre a guerra, a família, o amor, a política, entre outras temáticas.

Todas estas constatações contribuíram para o desenho da banda sonora de “Os Cadáveres são Bons Para Esconder Minas” e permitiram, num exercício de colaboração com os atores, delinear a canção original que veio a tornar-se a base sonora da peça: “A Canção dos Cadáveres”. Esta canção, na sua forma primitiva, assume um carácter grupal de lamento, onde os interlocutores, partilham as suas motivações, mas, e sobretudo, cantam sobre o infortúnio que os esperava. Posteriormente, utilizámos fragmentos musicais da mesma canção, como fonte

fundamental para unificar a sonoplastia do itinerário sonoro da dramaturgia. Para além destes materiais, surgiu ainda o “Hino dos Cadáveres”, o cântico motivacional da companhia e a “Fanfarra dos Cadáveres”, interpretada por uma qualquer banda filarmónica do nosso país. Houve ainda espaço para a conceção, por parte dos atores, de uma canção de HIP HOP denominada “Era ou Não Era”, que pretende propor uma leitura de viagem entre o passado e o presente, e por último, seria importante incluir uma canção do “Cancioneiro do Niassa”, e o “Fado do Checa”, pela sua carga e papel na dramaturgia, foi a selecionada. Este percurso de criação e descoberta, não teria sido possível sem o contributo de várias pessoas, sendo essencial para mim referir a determinação, astúcia e perspicácia da encenadora Isabel Craveiro, que nos leva sempre a dar nosso melhor, a entrega e genialidade dos atores, que me permitiram vivenciar o momento e por último, o meu amigo Sílvio Rajado, músico e ex-combatente do Ultramar, que partilhou algumas das suas vivências, que foram fundamentais para uma melhor perceção deste angustiante episódio da nossa História.

RUI LÚCIO



ATIVIDADE PARALELA

Conversas

Co-organização Teatrão e CROME/CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A colaboração entre pensadores, investigadores, intelectuais e a criação artística é fundamental para um olhar crítico e transformador do mundo contemporâneo. No caso do Teatrão, apostado em inspirar o seu público com criações que o interrogam e mobilizam sobre o estado atual do mundo, tem-se construído uma relação muito sólida de trabalho, de múltiplos formatos, com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-UC). Com outros Centros de Investigação locais, nacionais e internacionais também, mas o CES é um parceiro fundamental e inspirador para a nossa atividade. É nesse contexto que surgem, associadas ao espetáculo, duas conversas com o público sobre a forma como o passado da Guerra Colonial se manifesta no tempo presente.

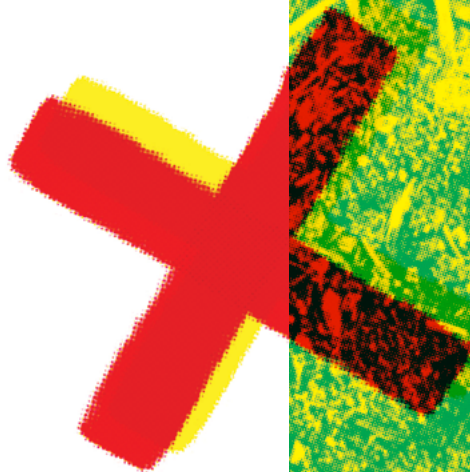
Guerra Colonial – Tempo Presente

Conversa sobre as diferentes formas de como Guerra Colonial ainda habita o nosso presente.

Guerra Colonial – Memória e esquecimento

Conversa a partir do espetáculo para discutir, 50 anos depois, questões sobre a Guerra Colonial. Neste caso, porque o espetáculo convoca um olhar atual sobre os ex-combatentes, os seus percursos e o impacto deste conflito nas suas trajetórias, sublinhando a complexidade e legitimidade dos diferentes lugares de fala, queremos estabelecer ligações entre o objeto artístico e a produção de conhecimento pós-colonial.

Em digressão pretende-se que possam circular versões destas conversas que congreguem estas diferentes temáticas, a partir do espetáculo.



NOTAS BIOGRÁFICAS DA EQUIPA

AFONSO ABREU Elenco

Iniciou a formação na área do teatro em 2015 no projeto Classes de Teatro do Teatrão, que integra um programa de formação na área do teatro para públicos infantis, juvenis e adultos. Neste contexto, participou no espetáculo “Atalhos” de Joana Craveiro para o Projeto Panos 2016, encenado por João Santos, no espetáculo “Carrossel”, dirigido por Pedro Lamas, em 2018, em 2019 no espetáculo “Romeu e Julieta” de William Shakespeare, encenado por Isabel Craveiro, e em 2020 no espetáculo de intervenção comunitária “De Portas Abertas”, com direção artística de Isabel Craveiro. Em 2018 ingressa no curso de Teatro e Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra, tendo-o concluído no ano de 2021. No âmbito da licenciatura, integrou o projeto de intervenção “Ensaio Bruxas” a partir de “As Bruxas de Salem” de Arthur Miller, dirigido por Pedro Lamas e, integrou também, o elenco do espetáculo “A Noite da Lua de Sangue” a partir de “Os Tambores na Noite” de Bertolt Brecht, dirigido por António Fonseca. Assumiu, em 2019, a função de contra-regra nos espetáculos “Richard’s” e “Ala de Criados”, ambos encenados por Marco Antonio Rodrigues. Integrou a direção de cena do espetáculo “Da Família” de Valério Romão, também encenado por Marco Antonio Rodrigues, em 2021. Neste momento, é estagiário da companhia desde janeiro de 2022, tendo participado, como ator, nos espetáculos “Viajantes do Tempo” e “Os Cantos das Pedras”, inseridos no projeto “Marcos Históricos - Romanização”, coordenados por Isabel Craveiro e João Santos. Integrou, também, o elenco do espetáculo “De Portas Abertas II - Os Caminhos do Trabalho”. Nos anos de 2017 e 2018 desempenhou, ainda, a função de monitor nos programas de férias para crianças e jovens desenvolvidos pela companhia. Acompanhou, também,

no âmbito do estágio profissional, uma turma de crianças das Classes de Teatro, orientada por Isabel Craveiro.

BRUNO SIMÕES Vídeo

Licenciado em Comunicação e Design Multimédia pela ESEC-IPC onde realizou projetos audiovisuais enquanto bolseiro no CeMeiA e estágio curricular na ESECTV. Em 2018 integra a equipa da Símbolo de Memória enquanto Técnico de Comunicação e Criação de Conteúdos Audiovisuais, na qual se torna responsável por materiais digitais e/ou impressos da Quinta Dona Sancha, ABMG, APIN, IPC, Fundação Bissaya Barreto, Águas do Ribatejo, Grande Hotel Luso e Francisco Brito - Consultores Imobiliários. É responsável, ainda por vários anúncios televisivos de vertente institucional. Executa trabalho de voice acting para a sinmetro. Desde 2022, a nível particular, colaborou não só na comunicação do Passaporte e Teatrão, como também é responsável pelo marketing, comunicação e consultoria da Liquid Spirits Club.

CARLOS GOMES Fotografia

Licenciado em Artes Plásticas pela ARCA-EUAC, Escola Universitária das Artes de Coimbra, realiza posteriormente estudos na pós-graduação em “Ótica e laser”, no Departamento de Física da Universidade de Aveiro, sob a coordenação do Professor João Lemos Pinto. Participa na EIF(E), “Fotografia de Espetáculo” (2013-14) e “Memória e Imaginação” (2014-15), sob a coordenação da fotógrafa Susana Paiva. Fundador fundadores da ®DOIS fotografia. Fotógrafo da Mutante Magazine, entre 2013 e 2014, e fotógrafo de cena residente do Teatrão e da Trincheira Teatro, colaborando pontualmente com outras companhias e encenadores. Foi membro do coletivo de fotógrafos “The Portfolio Project”. Obteve uma menção honrosa no 1º “photo - museu do Vinho

da Bairrada”, em 2014, e o 1º Prémio Fotograf’arte – Memórias (Leiria, 2014). Foi um dos dinamizadores do Photobook Club Coimbra nas edições de 2013 e 2014. Coautor do livro “20 fotografia de rua” e “20 retrato” (Ed. Vieira da Silva, 2014/2015 e 2016/2017, respetivamente). Participou no projeto “EXPOINT - expõe-te tu” (2014/2015). Responsável pela edição e publicação do projeto “(in) animated scenes”, em livro de autor (2016). Participou em várias exposições, das quais se destacam as edições dos “jardins efémeros” (Viseu, 2015 e 2016); “Eu não sou uma ilha” (Lisboa e Figueira da Foz, 2017); “Palcografias” (Coimbra, 2017); exposições solidárias em Lisboa (Museu das Telecomunicações) e Porto (Galeria Espaço Mira) (2017); exposição coletiva “17 - 17” fotografia – Sala da Cidade, Câmara Municipal de Coimbra (2017); e a exposição coletiva “Drop in the Ocean” Coimbra, 2017).

CÁTIA OLIVEIRA Produção Executiva

Em 2011 conclui a licenciatura de Direção de Cena e Produção Teatral na Escola Superior de Música Artes e Espetáculo. No segundo ano do curso, participou como co-organizadora da 3ª Edição do Festival SET (Semana Escolas de Teatro), desempenhando funções de produção e de direção de cena. Na escola, trabalhou com os encenadores Howard Gayton e Geoff Beale, João Mota, Nuno Cardoso, e Fernando Mora Ramos. Nestas produções, desempenhou funções de diretora de cena, de produção e contrarregra. Em 2011, colaborou com a companhia Limite Zero, como produtora. Atualmente, colabora com o Teatrão, desempenhando funções de Direção de Produção e de Direção de Cena em espetáculos da companhia e em vários acolhimentos. No Teatrão, trabalhou com os seguintes encenadores: Isabel Craveiro, António Mercado, António Fonseca, Ricardo Correia, Joana Mattei e Marco Antonio Rodrigues, entre outros. No trabalho desenvolvido com a companhia,

destaca a participação nos espetáculos de Teatro e Comunidade, assim como as produções próprias da companhia e o seu projeto pedagógico.

DAVID MECO Elenco

Iniciou a formação na área do teatro em 2016 no projeto de Classes de Teatro do Teatrão. Neste contexto, participou em 2019 no espetáculo “Romeu e Julieta” de William Shakespeare, encenado por Isabel Craveiro e com a orientação de João Santos e Margarida Sousa, e em 2020, no espetáculo de intervenção comunitária “De Portas Abertas”, com direção artística de Isabel Craveiro. Em 2018 ingressa no curso de Teatro e Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra, tendo-o concluído em de 2021. No âmbito desta licenciatura, integrou o Projeto de Intervenção “Ensaio Bruxas” a partir de “As Bruxas de Salem” de Arthur Miller, dirigido por Pedro Lamas, bem como o espetáculo “A Noite da Lua de Sangue” a partir de “Os Tambores na Noite” de Bertolt Brecht, dirigido por António Fonseca. Assumiu a contrarregragem do espetáculo “A Grande Emissão do Mundo Português”, cuja direção artística é de Isabel Craveiro, em 2019, e, para além disso, integrou a direção de cena do espetáculo “Da Família” de Valério Romão, encenado por Marco Antonio Rodrigues, em 2021. Neste momento, é estagiário na companhia desde janeiro de 2022, tendo participado, como ator nos espetáculos “Viajantes do Tempo” e “Os Cantos das Pedras”, inseridos no projeto “Marcos Históricos - Romanização”, coordenados por Isabel Craveiro e João Santos. Integrou, também, o elenco do espetáculo “De Portas Abertas II - Os Caminhos do Trabalho”, estando ao mesmo tempo a concluir uma pós-graduação em dança contemporânea na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo no Porto.

DIOGO SIMÕES Elenco

Licenciado em Teatro e Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra (2021). Ao abrigo do programa Erasmus, estudou na Escuela Superior de Arte Dramático de Múrcia (2019/2020). Integra o Serviço Educativo das Classes do Teatrão como aluno desde 2015, tendo participado nos seguintes projetos: ATALHOS, de Joana Craveiro para o projeto PANOS (2017); ROMEU E JULIETA, de William Shakespeare (2019); e o projeto artístico e comunitário DE PORTAS ABERTAS (2020 e 2022). Integrou a Direção de Cena do espetáculo DA FAMÍLIA, de Valério Romão (2021). Atualmente realiza um estágio profissional na companhia, tendo participado como ator nos seguintes espetáculos: “Viajantes do Tempo” e “Cantos das Pedras”, no âmbito do projeto intermunicipal Marcos Históricos - Romanização (2022).

FILIPA MALVA Cenografia e Figurinos

Cenógrafa e arquiteta. É doutorada em Estudos Artísticos pela Universidade de Coimbra e Mestre em Espaço de Performance pela Universidade de Kent, Reino Unido. Tem desenvolvido trabalho regular como cenógrafa, figurinista, artista cénica e desenhadora. Nos últimos quatro anos, tem sido responsável pela cenografia e figurinos da Casa da Esquina, Teatrão, a Cooperativa Bonifrates, os Macadame, os Cornalusa e o GEFAC, entre outros. Distinguida com a Bolsa de Doutoramento da FCT e Bolsa de Bolsa de mobilidade Sócrates/Erasmus para a escola de Arquitetura IonMincu, Bucareste, Roménia, GAERI/Agência Nacional Sócrates/Erasmus. Espaço em arquitetura e cenografia, desenho para teatro, fenomenologia do teatro e cenografia digital e ambientes digitais tridimensionais constituem os seus atuais interesses na área de investigação. Em 2010 e 2012, foi coeditora do e-book “Performance: Visual Aspects of Performance Practice”

(Oxford: Inter-Disciplinary Press) e do e-book “Activating the Inanimate: Visual Vocabularies of Performance Practice” (Oxford: Inter-Disciplinary Press). É membro fundador da Associação Portuguesa de Cenografia. Colabora com o Teatrão desde 2012.

ISABEL CRAVEIRO Encenação

Encenadora, atriz, pedagoga, diretora artística do Teatrão (T), onde assume a coordenação das seguintes áreas: programação da Oficina Municipal do Teatro (OMT); mediação de públicos e projeto pedagógico (PP); projetos de intervenção comunitária; projetos de acompanhamento de companhias amadoras; Rede Artéria. Na sua formação, passou pelo TEUC, pelo Curso Livre de Interpretação da Escola Superior de Educação de Coimbra, com Antonio Mercado, tendo-se licenciado em Teatro e Educação, nessa mesma escola. Participou no seminário Teatro em Contextos Especiais, com Dragan Klaic, dois Cursos Livres de Interpretação, do sistema de Stanislavski, ministrados por Valentin Teplyakov, (Academia Teatral de Moscovo) e os Cursos Livres de Cenografia I e II, com o cenógrafo José Dias, entre outros. Na encenação, destaca-se a assistência a João Mota em O efeito dos raios gama nas margaridas do campo. Encenou, entre outros, D. Quixote de Coimbra, Punk Rock, Sophia, O Doente Imaginário, A Grande Emissão do Mundo Português, Romeu e Julieta. Coordenou e encenou diversos projetos de teatro e comunidade. Como atriz, integrou vários espetáculos, trabalhando com encenadores como Rogério de Carvalho, Marco Antonio Rodrigues, Patrick Murys, Ricardo Vaz Trindade, entre outros. Enquanto programadora, é responsável pelo acolhimento de projetos, quer emergentes, quer consagrados, nacionais e internacionais, de várias áreas artísticas e para todas as idades.

Destaca a parceria criada com festivais como FITEI ou o Festival de Almada. Coordenou artisticamente a Mostra São Palco, que acolheu projetos de São Paulo. Coordenou a realização de vários seminários, masterclasses, ciclos de conversas. Convidada por inúmeras entidades nacionais e estrangeiras para apresentar o projeto do T, destacando o II Fórum Internacional de Cidades Antigas, da UNESCO (Rússia); Cultural Footprint Program, Oslo, MEXE, Encontro Internacional de Arte e Comunidade; Arte com todos? (Gulbenkian), entre outros.

JOÃO SANTOS Elenco

Mestre em Gestão e Estudos da Cultura - Gestão Cultural, pelo ISCTE-IUL (19 valores, nota final), sendo o seu estudo direcionado para as áreas do teatro no espaço público. Integra a direção do Teatrão e é responsável pela gestão da companhia. A formação em artes performativas foi desenvolvida no projeto pedagógico (PP) do Teatrão, complementada por oficinas e masterclasses com artistas nacionais e internacionais (encenadores, atores, coreógrafos), tais como Antonio Mercado, Marco Antonio Rodrigues, Dagoberto Feliz, João Brites, Marcelo Evelin, António Fonseca, Vera Mantero, Ricardo Neves-Neves, Marina Nabais, Joana Von Mayer Trindade, Hugo Calhim Cristóvão, Rachel Chavkin, Alex Cassal. Em 2013, passa a integrar a equipa da companhia como ator e pedagogo no seu PP, dando aulas de teatro e expressão dramática a crianças, jovens adultos e seniores. Como ator, faz parte do elenco fixo da companhia, destacando o trabalho desenvolvido com Marco Antonio Rodrigues, Isabel Craveiro, Joana Mattei, Patrick Murys e Jorge Louraço Figueira. No PP, foi também assistente de Isabel Craveiro em “Romeu e Julieta”, “O Doente Imaginário” e “Punk Rock”. Dirigiu “Atalhos”, no âmbito do Projeto PANOS, da Culturgest. Coordenou o intercâmbio

internacional “Arrivals and Departures” (2017), com jovens do projeto Bando à Parte (do T), da AMAT (Associazione Marchigiana Attività Teatrali, de Itália) e do Tallaght Community Arts (da Irlanda). Coordena, no Teatrão, o projeto A MEU VER, apoiado pelo programa Partis & Arts for Change.

JONATHAN AZEVEDO Direção Técnica

Nasceu em Connecticut (Estados Unidos da América), e formou-se como ator, em 2001, na Universidade de Vermont. Ainda em 2001, vem para Portugal desenvolver trabalho na área da iluminação de espetáculos de teatro. Trabalhou, desde então, com encenadores como João Mota, Marco António Rodrigues, Antonio Mercado, Ricardo Correia, Leonor Barata, entre outros. Em 2011, concluiu o Mestrado de Teatro em Design de Luz na Escola Superior de Música e Artes de Espetáculo. Pertence ao corpo docente da Escola Superior de Educação de Coimbra, onde leciona a disciplina de Técnicas de Cena, do curso de Teatro e Educação. Integrou a equipa técnica do Convento São Francisco. Desde 2007 que colabora com o Teatrão, onde assinou desenhos de luz de produções várias até ao momento. Atualmente é diretor técnico do Teatrão, coordenando a área técnica, quer nas criações do teatrão quer dos acolhimentos, responsável ainda pela manutenção e aquisição dos equipamentos de palco e técnicos. Nos anos 2012 e 2013, fez parte da equipa portuguesa do Projeto Internacional École de Maitres (Teatro Académico Gil Vicente), como Diretor Técnico.

JORGE PALINHOS Dramaturgia

Jorge Palinhos é escritor e dramaturgo. As suas obras já foram apresentadas e/ou editadas em Portugal, Brasil, Espanha, Estados Unidos da América, França, Países Baixos, Bélgica, Alemanha, Suíça e Sérvia, em espaços como o Teatro Nacional São João, o Teatro Meridional, o Teatro

Municipal Rivoli e Teatro Municipal Campo Alegre, o Teatro Beursschouwburg, em Bruxelas, o Teatro Schaubühne, em Berlim, o Graham Institute, de Chicago, o SESC de São Paulo, La Comédie de Reims, CDN Orléans, o Teatro Nanterre-Amandiers, em Paris, etc.

Foi galardoado com o Prémio Miguel Rovisco 2003 e o Prémio Manuel-Deniz Jacinto 2007, e esteve na short-list do Prémio Luso-Brasileiro de Teatro António José da Silva 2011. As suas peças já foram levadas à cena por Ácaro, Algures, Amanda, Amarelo Silvestre, ArteCanes, Associação Paulista de Autores de Teatro, CENA, Centro de Criatividade da Póvoa de Lanhoso, Comédias do Minho, Corações com Coroas, Esbofeteatro, FJA, O Cão Danado, O Nariz, O Teatrão, Stand-up Tall, Théâtre de la Tête Noire, Teatro Art'Imagem, Teatro das Compras, Teatro Viriato, Terra na Boca, Teatromosca, Um Coletivo, WEL, entre outras.

É doutorado em Estudos Culturais com uma tese sobre dramaturgia lusófona contemporânea.

Foi dramaturgo e dramaturgista convidado na Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012, é dramaturgista da companhia belga Stand-up Tall, investigador residente da companhia Visões Úteis, e docente convidado da Escola Superior Artística do Porto e da Escola Superior de Teatro e Cinema.

MARGARIDA SOUSA Comunicação

Licenciatura em Comunicação Organizacional pela Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC). Curso Livre de Interpretação com Antonio Mercado. Licenciatura em Teatro e Educação pela ESEC. Integra a equipa do Teatrão (T), onde exerce funções como membro da direção, atriz e pedagoga. Responsável pela área da comunicação da companhia, assumindo a coordenação de: desenho e implementação dos Planos de Comunicação das várias atividades; a Assessoria de Imprensa e

angariação de media partners; a criação da imagem gráfica; o acolhimento de estágios nesta área; a gestão de conteúdos do site e Redes Sociais, a relação com parceiros de divulgação e angariação de apoios. Como atriz, já integrou 30 criações do T, quer a partir de dramaturgia universal, quer a partir de textos originais, quer explorando outras linguagens artísticas, em processos partilhados por toda a equipa artística e destinadas a públicos variados. Em paralelo, integra a equipa artística dos projetos de intervenção comunitária, onde assume a codireção de espetáculos. Trabalhou com os encenadores Corrina Manara, Marco Antonio Rodrigues, João Mota, António Fonseca, Nuno Pino Custódio, Ricardo Vaz, Patrick Murys, Antonio Mercado, Isabel Craveiro, Ricardo Correia, Alex Cassal, entre outros. No plano formativo, destaca “Teatro do Gesto”, com Norman Taylor, Os Fundamentos do método de Stanislaski, com Valentim Teplakov, decano da Academia Teatral de Moscovo; Contacto-improvisação, com Marina Nabais, Devising Dentro de uma Democracia, com a companhia nova-iorquina The TEAM, Casa Aberta, incluindo oito masterclass com artistas de várias áreas das artes performativas, Consciência do Ator, formação coordenada por João Brites. No projeto pedagógico do T assinou a coencenação de várias criações, destacando três projetos PANOS, organizados pelo TNDMII, e a encenação de textos de Lorca, Sophia de Mello Breyner e Sartre.

NUNO POMPEU Sonoplastia

Licenciatura de Som e Imagem pela Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Em 2018 integra a companhia Teatrão, exercendo funções como operador de som e sonoplasta. É responsável técnico do GEFAC – Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra - desde dezembro de 2018. Foi coordenador da RUC – Rádio Universidade Coimbra – de maio

de 2019 a janeiro de 2020. Desenvolveu várias instalações sonoras, incluindo Sardinhas Bordalo Pinheiro, premiada no concurso para Instalação no La Vie Caldas da Rainha. Para além de trabalho de gravação, produção e masterização, tanto audiovisuais como musicais, tem uma carteira de mais de cem espetáculos ao vivo realizados entre 2016 e 2019.

PAUL HARDMAN Design gráfico

Designer gráfico britânico sediado em Coimbra, Portugal. Estudou artes gráficas em Liverpool Art School (JMU), tem mestrado em Design Gráfico pela Camberwell College of Arts de Londres (UAL) e doutoramento em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. A sua obra abrange a comunicação editorial e design de identidade em diversos projetos para cultura, publicação/edição e arquitetura. Os seus projetos combinam a funcionalidade com a experimentação baseada no processo. Utiliza frequentemente o desenho, fotografia e criação de imagem no seu design. É Professor Auxiliar Convidado no curso de Design e Multimédia da Universidade de Coimbra. Em 2016, ilustrou o livro “Palavras Viageiras”, de João Pedro Mésseder, e fez o seu primeiro livro infantil, “A Almoçarada”, de Billy Bolly, ambos editados por Xerefé. Atualmente gere a empresa Studio And Paul. É responsável pela identidade gráfica do Teatrão desde 2016.

RUI LÚCIO Composição musical

Licenciado em Música, variante Jazz, pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto e Mestre em Ensino de Música pela Universidade de Aveiro, iniciou os seus estudos musicais aos 14 anos na classe de Percussão do Conservatório de Música de Coimbra, orientada pelo prof. Paulo Oliveira. Paralelamente ao seu percurso académico, ingressou na Filarmónica União

Taveirense, onde manteve uma atividade regular até ao ano de 2012.

É um dos fundadores dos projetos “Orquestra Smooth”(1998), “Dixie Gringos - Jazz Band”(2000), “Orquestra Aeminium”(2006), “Cantos de Liberdade”(2009), “Coimbra Jazz Ensemble” aka CoJE (2014) e dos “Quint’essence”(2015).

É membro dos Cantautores (2017) da D’Orfeu - Águeda, da Cor da Língua (2007) e do Fil’Mus(2010), ambos projetos músico-teatrais da ACERT-Tondela, e é ainda membro do coletivo conimbricense Pensão Flor (2020).

Dirige desde 2013 a Orquestra Mar&Arte, ensemble residente da Gala Internacional dos Pequenos Cantores da Figueira da Foz. Colabora regularmente como diretor musical, músico, formador, arranjador e compositor em diversos projetos formativos, musicais, teatrais e de bailado. Foi diretor artístico da Phylarmonica Ançanense entre 2008 e 2018, assumindo a direção artística do Grupo Recreativo Mirandense em janeiro de 2019.

Foi professor na Academia de Música de Cantanhede entre 2010 e 2011 e na Escola de Música São Teotónio de 2012 a 2022. É professor de instrumento e orquestra de jazz na Escola Artística do Conservatório de Música de Coimbra, onde coordenou o Curso Profissional de Instrumentista de Jazz de 2011 a 2021.

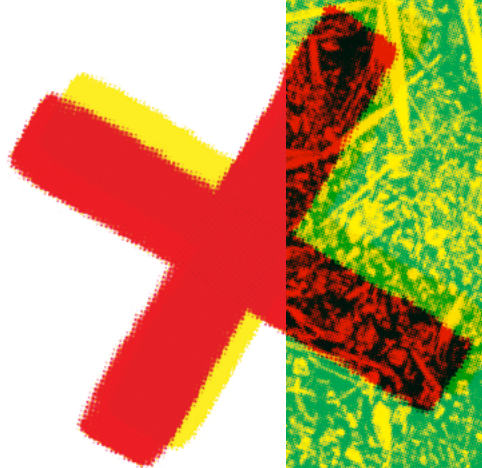
A sua história com a companhia de teatro o Teatrão” inicia-se em 2013 com a direção musical das produções “Arruinados em Três atos” (2013), “O Alvazil de Coimbra” (2014), “Há Tempo para Tudo” (2014/2015) e por último “De Portas Abertas” (2020/2022).

TEOSSON CHAU Elenco

Ator e designer, nasceu em 1998 em Maputo. A sua formação e experiência artística andam de mãos dadas, tendo como ponto de partida em 2016, quando ingressou na Abbotts College em Pretória, África do Sul, onde começou a semear as

primeiras ferramentas práticas e teóricas nas aulas de Artes Dramáticas. Chegada a altura de transitar do ensino secundário para o superior, procurou a formação para melhor desenvolver estas ferramentas e foi o que lhe levou em 2017 para a Licenciatura de Teatro e Educação na Escola Superior de Educação de Coimbra onde, ao fim de três anos de formação, lhe foi conferido o grau de Licenciado em, 2020.

Durante a sua formação, teve a oportunidade de fazer um semestre de Erasmus em 2018, na Escola Superior de Arte Dramática de Murcia na Espanha, onde também subiu pela primeira vez ao palco com “Escuadra Hacia La Muerte”. Na reta final da sua licenciatura, contou com experiências mais ligadas à área de produção, além da interpretação, como a de assistente de figurinos em “Sonho de Uma Noite de Verão”, de William Shakespeare e assistente de cenografia em “Rumo Aos Céus” de Odon Von Horvath, ambas em coprodução com o Teatrão. Ainda no contexto formativo, teve a possibilidade de explorar dramaturgia com textos curtos como “A História de Wolfgang”, “Noite Longa” e “Manos”, tendo levado o último a cena na cadeira de Oficina de Encenação. A sua mais recente experiência foi com a companhia Trincheira Teatro, como intérprete na peça “Os Gigantes da Montanha” de Luigi Pirandello, em 2021.



Reportagem **ANTENA 3**

<https://tinyurl.com/CadaveresAntena3>

Peça Programa "ATRÁS DA MÁSCARA" **RTP ÁFRICA**

<https://tinyurl.com/CadaveresRTPAfrica>

Reportagem **TSF**

<https://tinyurl.com/CadaveresTSF>

Entrevista destaque

JORNAL DE LETRAS (abaixo)

Peça **COMUNIDADE CULTURA E ARTE**

<https://tinyurl.com/CadaveresCulturaeArte>

Peça **COIMBRA COOLECTIVA**

<https://tinyurl.com/CadaveresCoolectiva>

Peça **ESEC TV**

<https://tinyurl.com/CadaveresESECTV>

Peça **REVISTA BUALA**

<https://tinyurl.com/CadaveresBuala>

23 de outubro a 1 de novembro de 2023 **JL JORNAL DE LETRAS**

ARTES • 23

ENTREVISTA

Isabel Craveiro

O passado presente da Guerra Colonial

Uma peça sobre a guerra colonial a partir de testemunhos de ex-combatentes, *Os Cadáveres São Bons Para Esconder Minas*, de Jorge Palinhos, sobe à cena da Oficina Municipal de Teatro, de Coimbra, amanhã, dia 20. É o novo espetáculo de O Teatrão, que encerra o ciclo dedicado à Casa e faz a "ponte" com o próximo que a companhia vai trabalhar, O Tempo. Porque "hoje, temos a necessidade e a obrigação de falar", diz ao JL a diretora artística, Isabel Craveiro

MARIA LEONOR NUNES

■ "Não está em palco uma memória, qualquer coisa que ficou lá atrás, que é História, passa-se hoje, com todas as implicações individuais, familiares, e também em nós como sociedade que ainda não digeriu, nem falou suficientemente sobre a guerra colonial", diz Isabel Craveiro, diretora de O Teatrão, ao JL. É sobre esse passado que continua presente, ainda que por vezes "escondido", "invisível", que justamente quer falar *Os Cadáveres São Bons Para Esconder Minas*, que encenou a partir de um texto do dramaturgo Jorge Palinhos. O espetáculo, com interpretação de Afonso Abreu, João Santos, Diogo Simões, David Meco e Teosson Chai, com direção musical de Rui Lúcio e cenografia de Filipa Maiva, estreou a 15 de setembro no Teatro Municipal Joaquim Benite, sendo uma coprodução com a companhia de Teatro de Almada. Prossegue agora a sua carreira, a partir do dia 20 até 13 de novembro, no espaço do Teatrão, em Coimbra. A 22, haverá uma conversa do público com os investigadores do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, Miguel Carreira, que coordena o projeto CROME, e Luísa Sales, psiquiatra, especialista em stress pós-traumático. O Teatrão, que vai fazer 30 anos, em coprodução com as companhias Baa17, de Serpa, ASTA, da Covilhã, e D'Orfeu, de Agueda, começou entretanto a preparar *Revolution*, a próxima criação sobre o 25 de abril, lançando já um concurso, "Fantasia Futurista", para novos textos no universo lusófono.

Jornal de Letras: Como surgiu *Os Cadáveres São Bons Para Esconder Minas*?

Isabel Craveiro: É uma peça que espelha o trabalho de criação que o Teatrão tem feito nos últimos anos. Inserindo-se num olhar muito particular sobre o século XX português e que, na verdade, ainda determina a nossa contemporaneidade. Inscreve-se na narrativa sobre a Casa, que trabalhamos no último quadrinário e que, por força da Covid-19, acabou por estender-se um pouco mais. Num primeiro movimento, fizemos *A Casa Portuguesa*, o espetáculo *Eu, Salazar*, depois *A Grande Emissão do Mundo Português*, sobre a rádio, a censura, a manipulação da verdade, ainda hoje tão presente nas nossas vidas, com as fake news.

Nesse contexto, quiseram trazer à cena também a guerra colonial?

Decidimos logo que o último compasso desta narrativa seria sobre a casa como projeção, uma casa que precisa ser reconstruída e refeita e a ideia da guerra colonial esteve sempre presente. E houve uma circunstância que mobilizou muito Jorge Palinhos, o facto de ser filho de um ex-combatente.

Ouviram os que estiveram na guerra?

Quisemos sobretudo ouvir aquelas pessoas que normalmente não são ouvidas, que não têm um lugar de fala, não são politizadas. E percebê-las, até porque eram dos meios mais pobres e desfavorecidos, das aldeias, pouco alfabetizadas, muitas vezes nem sabiam bem para onde iam e foram para os sítios mais complicados. Entrevistámos muitos ex-combatentes da região centro, um mapeamento feito com núcleos da Liga dos Combatentes e acabámos por trabalhar com grupos terapêuticos de pessoas com stress pós-traumático.

Uma recolha documental a partir do qual Jorge Palinhos escreveu a peça?

Sim. Esse trabalho determinou a dramaturgia. Foi muito curioso percebermos o facto de o stress pós-traumático se ter tornado muito presente no fim das vidas de muitos que entrevistámos. Aliás, estiveram décadas sem qualquer tratamento, o Estado português não tratou bem esta situação e só há relativamente pouco tempo tiveram acompanhamento. Encontrámos muita gente em sofrimento e, por outro lado, surpreendentemente a querer falar.

Do que tinham vivido? De como continuavam a viver?

Essa é a marca deste espetáculo, em que o passado e o presente são o mesmo tempo, coexistem, porque essa é a realidade desses ex-combatentes. E há uma contradição entre a vontade de preservar a memória e tentar esquecer, dois movimentos em permanente tensão.

O elenco é constituído por jovens atores. Foi uma escolha à partida?

Queríamos ter em palco atores com a mesma idade do que os ex-combatentes quando foram mobilizados. E que também sabem pouco sobre a guerra colonial. Talvez a escola não cuide muito desse lado da nossa História. Mas nós achámos que todos devíamos saber. E é também um desafio abordar essas questões com um outro olhar, o dos mais novos.

Qual a reação do público na estreia em Almada?

Foi a primeira vez que estreámos fora do nosso espaço, mas o espetáculo foi muito bem recebido. As pessoas ficaram muito impressionadas. Do ponto de vista da fisicalidade, é muito intenso e dá-nos alguns muros no estômago. É muito forte, porque não conta como foi, diz como a vida daquelas pessoas é um inferno hoje.

O gatilho para fazermos o espetáculo também foi o assassinato do liruno Candé. Quando vimos as primeiras notícias, pensámos logo que tinha sido um ex-combatente. Muitas vezes confrontados com situações de racismo, violência doméstica, não se consegue fazer os links. Há coisas incrustadas na nossa sociedade e não percebemos porque, mas estão todas ligadas. Temos de querer superar os traumas da guerra colonial.

É sobre a nossa História que o Teatrão vai continuar a trabalhar nesta temporada?

Na verdade, *Os Cadáveres*... é um espetáculo que faz a transição para o novo ciclo de trabalho da companhia, que quer lidar com a ideia de tempo.

Porquê?

Porque vivemos angustiados com não ter futuro. Basta ver os noticiários, as redes sociais, somos esmagados por essa angústia, sem uma visão positiva. Com todos os desafios que estão lançados de salvar o planeta, do ponto de vista ambiental, de combater a desigualdade, e com todas as catástrofes, a guerra, parece que estamos sem reação, que o ser humano perdeu a capacidade de imaginar alternativas, de olhar as coisas com esperança. A utopia está a ser devorada pelo sistema demolidor em que vivemos, que tem muito a ver também com os consumos rápidos, as redes sociais.

É sobre essa mudança que se propõem refletir?

Exato. É preciso pensar e criar um outro tempo. E refletir sobre o tempo também tem muito a ver com o 25 de Abril.

Temos de querer superar os traumas da guerra colonial

A utopia está a ser devorada pelo sistema demolidor em que vivemos

Revolution é o espetáculo que vai celebrar os 50 anos da Revolução?

O Teatrão também vai comemorar 30 anos e essas datas vão naturalmente marcar a nossa programação para o ano. Tal como a guerra, nestes dias que vivemos. Iremos fazer, igualmente, a *Már Crugem*, de Brecht, a partir da tradução de Sousa Ribeiro, com dramaturgia de Jorge Loureiro Figueira. É preciso interpretar, trabalhar e viver o tempo de outra maneira, sem andar com uma insatisfação permanente. Nesse sentido, além de pensarmos espetáculos, queremos promover debates, discussões com públicos específicos.

Quais?

Por exemplo, os jovens, e vamos tratar as questões da adolescência, daí a Aldara Bizarro ser a artista residente. Queremos também fazer um fórum de jovens críticos. São projetos muito desafiantes desse ponto de vista, porque nos interessa mesmo mergulhar em maneiras alternativas de ver, pensando ao mesmo tempo como podemos devolver o prazer às coisas. Isso significa também mudar os nossos processos de produção.

Dando mais tempo aos espetáculos?

Sim, não podemos continuar sempre a correr, produzimos muito sem pensar no impacto que isso tem ou não nas pessoas. O que interessa hoje em dia é fazer para fazer e dizer que fizemos, apresentar resultados. A nossa ideia é conseguir mudar um pouco essa tendência, que é resultado deste sistema do neoliberalismo. Precisamos pensar numa mudança de paradigma. Estamos já a começar a trabalhar na dramaturgia do *Revolution*, com residências artísticas em dezembro, envolvendo quatro estruturas que se juntam para fazer esse espetáculo, que irá estreiar em abril.

A aposta em coproduções é muito forte nesta temporada?

Sim. Também é tempo de nos juntarmos mais. Os nossos espetáculos vão querer reverberar outros sítios.

O Teatrão desenvolve, de resto, vários projetos teatrais, por exemplo, com invisíveis e com grupos amadores, educativos, comunitários: uma perspetiva artística de intervenção?

Sim, é a nossa cena... (riso). **JA**

COIMBRA

Histórias de ex-combatentes ganham vida no novo espetáculo do Teatrão

Teatro “Os cadáveres são bons para esconder minas” é a nova peça de teatro que entra em cena na quinta-feira na Oficina Municipal do Teatro e “põe o dedo” na ferida sobre os acontecimentos da guerra colonial

Inês Moraes

Cinco jovens com cerca de 20 anos são chamados para servir na guerra colonial em África. Como eles, há mais de 50 anos, milhares de jovens embarcaram numa viagem para o desconhecido e regressaram com feridas físicas e psicológicas que nem o tempo sarou. A mobilização massiva de soldados afetou a sociedade portuguesa de formas que perduram até hoje devido ao silêncio e às histórias que ficaram por contar.

Este foi o ponto de partida para a nova criação do Teatrão, com encenação de Isabel Craveiro e dramaturgia de Jorge Palinhos. Durante todo o espetáculo estarão em palco cinco jovens atores que dão corpo a cinco jovens soldados que tiveram de partir para Angola ou para Moçambique para uma guerra que deixou marcas em todos eles. As histórias e as cenas retratadas no espetáculo foram inspiradas e construídas a partir de «quase três dezenas de testemunhos» recolhidos junto de ex-combatentes e das famílias pela equipa de produção. «Para estes ex-combatentes o tempo passado e o presente são um tempo só», explicou Isabel Craveiro, encenadora da peça de teatro, em conversa com os



Espetáculo estreia quinta-feira na Sala Grande da Oficina Municipal do Teatro e vai estar em cena até 13 de novembro

jornalistas após um ensaio aberto na Sala Grande da Oficina Municipal do Teatro (OMT), onde estará em cena até ao próximo dia 13 de novembro.

«A maioria dos testemunhos que recolhemos são de pessoas que estão em terapia porque sofrem de stress pós-traumático e cuja vida, a partir daquele momento, mudou», contou a encenadora.

As repercussões da guerra são ainda complexas e visíveis na sociedade e, nesse sentido, o espetáculo «não é sobre o passado, é afirmar a



Jovens dão corpo a testemunhos de ex-combatentes da guerra colonial

guerra no tempo presente», disse. «É sobre hoje. É sobre a forma como a guerra habita o corpo e a cabeça destas pessoas e de todos nós», ao mesmo tempo que se interliga com «outros fenómenos da sociedade portuguesa como o racismo, a violência doméstica e os problemas nas relações familiares», desvendou Isabel Craveiro.

Ao longo de cerca de uma hora e 20 minutos o público será confrontado com os traumas, com as histórias, com a violência que muitos combatentes carregam ainda hoje, mas também das famílias e, principalmente, das mulheres. Durante o espetáculo foram integrados testemunhos reais das mulheres que tiveram que lidar com os traumas dos maridos e que «mesmo depois de muitas se divorciarem dos maridos continuaram ao lado deles», afirmou Isabel Craveiro, acrescentando que quis trazer ao espetáculo o «universo feminino que teve uma importância enorme durante a guerra».

O espetáculo teve a sua estreia na sala da Companhia de Teatro de Almada, coprodutora do espetáculo. No dia 29 haverá ainda uma conversa aberta sob o mote “Guerra Colonial - Tempo Presente”, pelas 18h00, na OMT. 4



A peça é interpretada por cinco jovens e estreia hoje

Ex-combatentes da guerra colonial inspiram nova criação no Teatrão

Testemunhos de ex-combatentes da guerra colonial na base da criação de uma peça que estreia hoje na Oficina Municipal do Teatro

“Os Cadáveres São Bons Para Esconder Minas” é uma peça de teatro que se estreia hoje, às 21H30, em Coimbra, na Sala Grande da Oficina Municipal do Teatro (OMT), em Coimbra. O espetáculo insere-se na discussão sobre a guerra colonial, que há cerca de 50 anos mobilizou um milhão de soldados jovens. O passado e o presente que habita na cabeça de ex-combatentes com diagnóstico de stress pós-traumático é um dos pontos-chaves da peça que conta com a interpretação de cinco atores licenciados com cerca de 20 anos.

Depois de um ensaio revelado à imprensa, a encenadora Isabel Craveiro, filha de um ex-combatente, referiu que a criação deve-se sobretudo pela superação de um problema traumático.

“O espetáculo não é sobre o passado. É o afirmar da guerra no tempo presente. O grande movimento é a superação. Muitos ex-combatentes ficaram em silêncio durante muito tempo e por isso tentámos perceber de que forma a guerra habita no corpo e na cabeça das pessoas”, disse, realçando que se pode fazer um paralelismo com os tempos em que vivemos, visto que as pessoas “devem falar, discutir e partilhar”.

Para este espetáculo, foram entrevistados cerca de três dezenas de testemunhos, entre

discurso direto

► O espetáculo não é sobre o passado. É o afirmar da guerra no tempo presente. O grande movimento é a superação de problemas



Isabel Craveiro

ex-combatentes e família dos mesmos. Isabel Craveiro não tem dúvidas sobre as feridas que estes carregam.

“A maioria dos testemunhos, são pessoas que estão em terapia, pois têm stress pós-traumático. A vida deles a partir daquele momento mudou. Todos tentaram organizar a sua vida, casaram-se mas ainda hoje vivem com isto. Por muito que eles tentassem esquecer, as lembranças vinham ao de cima e por isso, para estes que vivenciaram de perto ou de longe, o passado e o presente são um tempo só”, referiu.

Mulheres são parte integrante da peça

Entre os testemunhos, foram entrevistadas mulheres casadas ou divorciadas dos ex-combatentes. Algumas partes dessas entrevistas são divulgadas durante a peça. Para a encenadora, a presença do universo feminino é peça fundamental.

“Às vezes tendemos a achar que é um problema isolado, mas a guerra plasma-se para a família. Existem grupos terapêuticos para as esposas por exemplo. Elas sofreram à distância, pois não viram um dos acontecimentos mais terríveis da nossa história. Apenas ouviram histórias e imaginaram o que pode ter acontecido. Algumas nem voltaram a ver o marido”, explicou.

A peça está em cena na Sala Grande OMT de hoje a 13 de novembro (terças-feiras, quartas-feiras e domingos às 19H00; e às quintas-feiras, sextas e sábados às 21H30).

Para a estreia em Coimbra, Isabel Craveiro espera a presença de várias gerações na plateia. “Para os que conhecem a história, para os que não sabem tanto da mesma, torna-se importante a presença de todos eles”, disse, acrescentando que pretende que a peça cause algum impacto.

“Que as pessoas saiam daqui a pensar que existem assuntos difíceis mas que vale a pena partilhá-los”, concluiu.

| Afonso Pereira Bastos

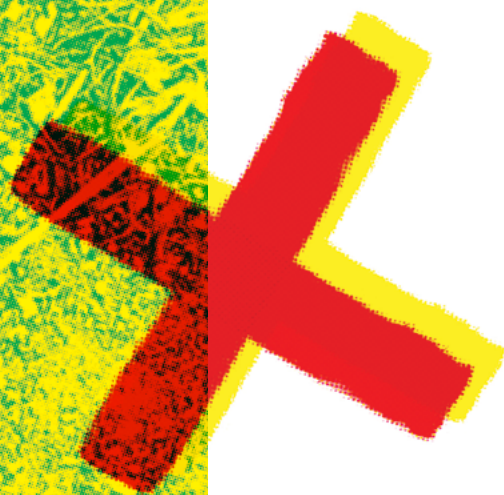


TEASERS VÍDEO

<https://youtu.be/66ios2jq4vM>

<https://youtu.be/-YIMJstogo8>





INFORMAÇÕES E CONTACTOS

TEATRÃO – Oficina Municipal do Teatro
Rua Pedro Nunes, Qta da Nora 3030-199 Coimbra
239 714 013 · 912 511 302
info@oteatrao.com
www.oteatrao.com